



CARLA GASTALDIN – psicóloga

(entrevista concedida por telefone e transcrita)

O começo

Quando a gente chegou, a gente ficava um pouco apreensivo porque ninguém conhecia nada e as pessoas ali, a maioria, nunca tinham trabalhado em uma universidade e sequer no serviço público. Então isso foi algo bem desafiador. E a gente via as pessoas um pouco perdidas, mesmo as da administração. Eram pessoas que, claro, não tinham experiência para gerir uma universidade, quanto mais uma universidade do zero. Nesse sentido a UFPR foi a instituição mãe da UNILA, foi fundamental nessa estruturação.

Eu me sentia fazendo parte de uma coisa grande. A gente sabia que um dia essa universidade iria se tornar enorme e se sentir fazendo parte desse início era uma coisa muito especial. Acho que a gente era privilegiado por poder participar desse começo, desse projeto. E, por estar fazendo parte, a gente, de alguma forma, já era ganhador.



Sempre me senti muito privilegiada pelo trabalho que faço aqui na UNILA.

E também uma gratidão. Como eu vim de uma universidade federal (UFPR), eu tinha muito a ideia de que quando me formasse eu precisava de alguma forma retribuir para a população o que o Estado tinha investido em mim. A UNILA veio nesse sentido também. Como a UNILA é um ente público, você trabalha para o bem do cidadão, então é uma coisa especial.

A UNILA, com o tempo, acabou se engessando por conta da burocracia. Ao mesmo tempo que é um mal necessário também impede inclusive que a UNILA coloque em prática o seu projeto. Como uma colega colocou: a UNILA é uma universidade diferente com uma legislação absolutamente igual a todas as outras.

Conquistas

Foram várias. Primeiramente a parceria com Itaipu, que foi fundamental. Sem Itaipu, a gente não conseguiria trazer essa



universidade para Foz do Iguaçu. A Itaipu doou terreno, projeto, instalou a universidade dentro do PTI porque, querendo ou não, isso foi uma conquista que foi crescendo.

Sem contar a própria aprovação da Universidade enquanto lei.

Uma coisa que marcou muito no início foi conseguir trazer alunos para cá. Alunos da América Latina. A gente se deparava muito com a dificuldade, angústia dos pais; a adesão dos países, que tinham de fazer um processo de seleção. No começo só vieram alunos do Mercosul. Conseguir trazer foi uma grande conquista.

O concurso, a chegada dos primeiros servidores foi muito marcante, porque foi ali que a universidade começou a acontecer.

Convivência

No começo era muito bom porque as pessoas falavam que vinham para a UNILA por conta do projeto de integração latino-americana. E no discurso das pessoas você encontrava muito essa vontade de construir. De construir uma universidade do zero. Muitas pessoas



vieram pra cá por conta do projeto. Um sonho. Tinha essa vertente do pensamento.

Quando chegaram, os primeiros servidores não tinham lugar pra ficar. Havia o aquário e eles chegaram a ficar ali o dia inteiro sem fazer nada. Gerou falatório, mas as pessoas também se uniram.

Era muito legal encontrar as pessoas no corredor, às vezes, tomar um café, almoçar junto, e era muito legal quando a gente se encontrava na copa. A copa era o ponto de encontro, a gente conhecia as pessoas.

Comunidade

Foz do Iguaçu, apesar de ser turística, tem uma cultura de interior. É uma cidade pequena e chega um monte de gente diferente, falando diferente, com outros hábitos culturais, alimentares, de higiene. Isso tem um impacto para a sociedade.

Uma coisa que causou muito rebuliço na comunidade foi o auxílio estudantil para estrangeiro. A comunidade teve dificuldade de entender e de se adaptar.



O que realmente apareceu [para a comunidade] foram os projetos de extensão. Na aproximação da universidade com a comunidade, a gente pode dizer que a extensão foi determinante para iniciar essa mudança de relação. A UNILA passou, inclusive, a ser solicitada por escolas para fazer projeto, por outras instituições, pelos bairros, porque as pessoas começaram a entender o benefício que a universidade traz para a sociedade.

Alguns alunos ainda relatam questões de preconceito, mas acho que uma das conquistas foi ir transformando aos poucos. Acho que precisa transformar mais. Porque para reverter casos negativos demora anos. Na questão da pandemia, a UNILA deu muito orgulho pra gente. A UNILA foi determinante na cidade e isso foi uma coisa bem bonita e que a gente se orgulha.

Destaques

Foram vários pontos que muito significativos: o início, concurso, orçamento, chegada dos alunos, o primeiro doutorado, o curso de



Medicina, formatura da primeira turma.

Um dos momentos muito bonitos, de muito debate na universidade, foi a construção coletiva dos documentos institucionais: o PDI, Estatuto, Regimento. Foi um momento de conquista e até de reunir muitos servidores. Foi um marco mesmo. Todo mundo ansiava por isso.

A vinda do presidente Lula para a aula inaugural da UNILA foi um marco. Ele fez um discurso bastante emocionado. Falou do quanto aquele projeto era um projeto pessoal dele. A cápsula do tempo também foi um momento especial para todos os servidores e alunos.

A saída dos servidores do PTI e a distribuição em outras unidades teve um profundo impacto na relação entre os servidores. Houve separação, dificultou a comunicação. Óbvio que a gente sabe que era necessário acontecer, mas foi um marco. Porque os prédios atuais não têm espaços de convivência e no PTI nós convivíamos.

Outra coisa foi a chegada da segunda leva de servidores concursados. Diversificou muito, as pessoas já conheciam a UNILA, já tinha concurseiro, muitas das pessoas não tinham a preocupação de vir para a UNILA pelo projeto de integração. Acelerou o processo de trabalho,



subdividiu os processos de trabalho. A gente passou a não conhecer mais as pessoas no corredor.

A troca de governo. Isso também. A gente tinha um medo grande. A UNILA ter sobrevivido a essa troca, principalmente, o projeto de integração estar sobrevivendo a esse troca para uma outra vertente de pensamento, acho que isso é uma coisa muito importante.

A primeira eleição de reitor foi um marco para a comunidade universitária, um orgulho. Foi um acontecimento eleger o primeiro reitor.

A morte da aluna Martina por feminicídio foi um aspecto que mexeu com a comunidade universitária. As pessoas ficaram muito sensibilizadas. A Martina, por ser uma pessoa muito atuante na universidade, politicamente falando, e por ter morrido da forma como morreu, isso causou um impacto grande. As pessoas ficaram sensibilizadas. Abalou a comunidade.

Um ponto determinante foi a conquista da paridade. Poucas universidades tinham isso. A paridade foi muito diferenciada e o oposto disso foi a mudança do conselho universitário. Essa mudança provocou



uma cisão política na universidade. Virou uma universidade, desse ponto de vista, igual às outras.

Expectativas

A UNILA sempre foi de apagar fogo. Minha expectativa é a organização daquilo que ainda não está organizado para que a UNILA não apague tanto fogo. Para que possa organizar melhor quando chega aluno, quando abre curso. Dentro disso, entra também o cumprimento de tudo que está no PDI, que continue e melhore. Desejaria mais integração relacional e que os novos servidores e as pessoas que não tiveram esse sentimento ainda, que elas pudessem se aproximar um pouco mais do projeto da Universidade. Uma aproximação ainda maior com a comunidade. É ver as pessoas, a comunidade sentir a universidade atuante, junto, com mais projetos de extensão.

Gostaria que as pessoas internalizassem o conceito, o ideal de integração. É preciso introjetar o conceito de integração. Eu gostaria que nesses próximos 10 anos mais pessoas da UNILA



compreendessem que esse projeto da universidade, esse projeto de integração latino-americana é muito mais que um projeto de universidade é um projeto de sociedade construída sob a égide da cultura da paz, da solidariedade e da cooperação entre povos. Que as pessoas tenham um outro olhar sobre o outro, sobre o diferente, sobre o estrangeiro, um olhar mais acolhedor e inclusivo.

